

Este é um livro de uma decisão: a de montar, ou editar, nosso tempo com nossa história, trazendo-nos uma intensidade que nos percorre em uma política e em uma ética que, para dizer esse livro, me leva a pensar em filmes como os de Godard, é claro, mas também nos de Leos Carax, Theo Angelopoulos, Paolo Sorrentino e outros. Há uma dignidade angelopouloseana nesse galope – isso certamente é muito. E raro. Há Whitman, Pizarnik, Sêneca, Celan, Torquato, Homero, Leonard Cohen, Tarso, Nerval, Joyce, Camus, Crevel, Carvan, Bandeira, Agamben, Victor Heringer, Estrabão, Eliot, Derrida, Kopenawa e tantos e tantos outros.

Este é um livro de uma decisão: a de, mesclando à vida íntima, trazer para o poema o campo dos acontecimentos políticos do Brasil desde 2013 com “três figuras íntimas” das favelas (Amarildo Dias de Souza, Cláudio Silva Ferreira e Eduardo de Jesus Ferreira), com o assassinato de Matheusa, com Marisa Letícia, com o golpe em Dilma Rousseff, que se refira recitando publicamente versos de Maiakóvski, com a prisão de Lula e seu impedimento pela Lava-Jato de se candidatar à presidência do país, terminando, o galope, no verso de número 2018, ano em que o golpe se consolida com a eleição mais sinistra de todos os tempos no Brasil, havendo, então, “o último verso enquanto sonhamos o que insiste em não se escrever”.

Este é um livro de uma decisão: a de se tornar incontornável para qualquer um ou qualquer uma que queira fazer uma experiência efetiva da poesia, da vida e do pensamento de nosso tempo, porque *A galope* é um poema-livro que faz parecer que tudo – dos micro-acontecimentos à paternidade, dos encontros e desencontros à política nacional e internacional, do aborto à Maré, da Maré à Palestina, da Palestina aos imigrantes... – nasceu para se tornar poesia. Talvez este seja um dos grandes feitos de *A galope*. Mas há, ainda, inúmeros outros.

Alberto Pucheu



Este é um livro de uma decisão. E são poucos os que, estando no meio do caminho de suas e de nossas vidas, tomam uma decisão. A de afirmar até o fim um caminho, a de não renunciar à viagem, dizendo sim ao que lhe diz respeito e ao que nos concerne, resolvendo colocar o máximo possível em palavras. Esse máximo, entretanto, jamais quer se totalizar: ele é o gesto que nos resta de quem quer “perder-se onde o idioma não me alcance”, de quem resolve colocar o impossível em palavras.

Este é um livro de uma decisão: torcer o idioma a fórceps para, com ele, escapar dele justamente onde um pulso se atreve a bater seguindo o ritmo espumante do galope salgado e suado de um poema. Há um intruso no poeta, cuja decisão é deixar-se sofrer um transplante de coração, buscando, no lugar da exclusividade do seu, um coração equino e um começo paquidérmico para fazer frente “à brevidade de tudo o que nossa palavra consumiu”. Para fazer frente a tudo o que é imediatamente consumido e consumido, a todas as palavras consumidas e consumadas, a todos afetos e pensamentos consumados e consumidos, são necessárias uma sofreguidão e, simultaneamente, uma demora, em todo caso, o andamento largo de um poema que não quer – nem pode – findar-se.

Este é um livro de uma decisão: a de fazer o mais amplo fôlego rítmico, afetivo e intelectual se dizer por montagens em que as fraturas se exponham ao expor os excessos que ele alavanca. Montagens que levam ao entrechoque a intimidade de uma vida desancorada, uma autoalteriotanatografia, pessoas espalhadas pelo mundo, cidades, lugares desolados, séculos desencontrados, tradições dispareces, línguas vivas e mortas (que insistem em viver no sangue de alguns leitores), manifestações populares, pops e eruditas, o cotidiano, o artístico e o filosófico, muito do que concerne ao momento atual e à nossa história.

A GALOPE



piero eyben

A GALOPE

C₁₄| Casa de Edição

2019 © Piero Eyben

CONSELHO EDITORIAL

Amarilis Ancheta

Mariangela Andrade

Piero Eyben

IMAGEM DA CAPA

Lívia Viganó

REVISÃO

Amarilis Ancheta

Eyben, Piero.

A Galope / Piero Eyben – 1. ed. – Brasília: C₁₄, 2019.

ISBN 978-65-80346-00-4

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD - 869.91

2019

C₁₄ | casa de edição

Brasília DF

www.c14casadeedicao.com

para Dilma Rousseff



não há história por aqui além dessas placas
de alerta sobre um peito que se corrói do pouco
à vista dos tubarões contidos em corais
e ainda assim seu cheiro povoa o calor das casas
estranhas dizendo um cuidado ou existindo
ainda que aos fiapos de uma ou duas batidas
daquele funk nem tão proibido daquela
distopia de corpos remanescentes a certa hora
da noite um longo balcão o piso quadriculado
o motorista que diz do mole dos homens
como se tudo pudesse desmoronar seu mundo
mas permanece gentil e nós só pensávamos
num outro drinque para abrir a noite já tarde
calor de cartas jogadas como se não como se
pudessem ser contidas espero a manhã parando
meus dedos que hesitam sempre em responder
já que sempre vem aquele som knock-out
mas não contarei seus segredos estão guardados
para que saibam que há segredo não daqueles
de uma condenação que vivemos sob a chuva
de carneiros com um mar revolto de calma
sem areias para pisar são treze praias para ouvir
que esse ano começa pelo último dia do mês
primeiro não espero que você sorria tão distante
aguardo uma ou duas olhadas de relance
como se pudesse durar mas as costas são mais
altas do que a voz ou a força de uma voz

que poderia me falar que poderia chegar mais próximo e fazer sumir esses prédios já tão arruinados pelo tempo nada aqui lembra veneza nem mesmo o cheiro nem mesmo ele menos ainda o carnaval que não começou e a cidade permanece morta como todos os corpos que são mortos de noite mas é de alegria que pensava escrever uma evocação e não saiu já disse que sou bipolar não sendo mas tenho o diagnóstico se quiser ver a lamotrigina me fazia enjoar e estourava minha cabeça em enxaquecas parei por conta própria e tento lidar com os baixos mas nunca com os altos sorrio demais e por muito tempo mesmo que me lembre que isso será mortal no próximo dia dia primeiro de fevereiro de 2018 meu filho dorme no seu quarto e permaneço nessa sala onde garotos não choram é por ironia que penso nos infames nas vidas minúsculas nem para escrever aceitaria viver no recife e talvez me engane como a distinção de agamben acerca de *bíos* e *zoê* quando penso que poderia ter visto *elena* e acabamos por reunir rigaut a malle naquele tiro silencioso a estourar o coração compassivo por dez anos fico pensando em crevel cravan vaché *ils ont porté la main sur eux-mêmes* é tão certo quanto um soco de cravan desaparecendo no istmo de tehuantepec ou sua filha quase

oitenta anos depois também com a mão sobre si
mesma o mundo é pesado para um pequeno
canal de onde sai o odor
poluído das poluções não há outra história senão
essa de uma mão sobre a outra por não sentir
vontade ou por deter-se a cada passo e controlar
um sorriso vestir a máscara que acautela minhas
veias como disse tácito sêneca se cortou e esperou
esvanecer assim como sua mulher paulina que
sonhou esvair-se e teve de esperar outros tantos
pulsos com aquela cicatriz manchando seus dias
mesmo sendo eles tão inesperadamente breves
como agora é meu pulso de pressão baixa
um pulso que não chega àquele famoso poema
cantado pois o visível também se canta às vezes
e minhas plumas já nem caem como o acaso
que trago inscrito no braço direito a última
gota do mar ou do nada tanto faz já que nada
se fez ando planejando uma viagem só cruzar
um deserto partir entre aqueles tanques de
tintura perder-se onde o idioma não me alcance
ele nunca me alcançou e imagino garotos
de sorrisos estranhos passeando seus torsos
ao sol como se eles tudo pudessem ou nada
tanto faz sua língua nunca será a minha
e meus espasmos cortam minha respiração
enquanto tento não pensar nessa dor à

esquerda seguindo do umbigo até a pélvis
esburacando o que se convencionou chamar
meu dentro minha parte final da digestão
mal feita dos anos tenho tão poucos e já
tão muitos anos quantos ainda a desperdiçar
enquanto tento me desembaraçar dessas hastes
leio compulsivamente aquele obituário
deixado a dustan entre o protocolo de beatriz
ou melhor paul tanto faz e nesse caso não tanto
faz já que sempre nos foi pedido dizer o que
tanto faz para nós tudo é tão íntimo quanto
um outdoor que grite uma série de telefones
que já nem usamos que já nem fazem sentido
algum como se algo tivesse feito sentido alguma
vez como você vê agora o tênue foco da minha
pele não dos meus poros e leio *dans ma chambre*
como se isso me dissesse 40 comprimidos
de paracetamol e a parada respiratória é certa
ao mesmo tempo em que penso reordenar os livros
que se acumulam e não os lerei todos já não há
mais tempo não existe um prazo certo dado
à brevidade de tudo o que nossa palavra consumiu
faço um regime a base de fibras embora simplesmente
pudesse comer peixe todos os dias e me sentiria
bem deixando cada angústia pra trás ali onde não
precisasse lidar com o desprezo de mim por mim
num banheiro público nas pichações reclamando

a vida de cada um ali onde nada é higiênico
e penso em aokigahara nesse pagode de ondas
na metodologia de um wataru tsurumi ou nas
condenações de le bonniec por um livro código
penal francês *de la provocation au suicide* penso
como essa preposição pode ser ela mesma um
meio do caminho para o próprio suicídio
de onde se parte até onde se chega e leva muito
tempo até o monte fuji ou subir até o cemitério
de auvers-sur-oise com a cabeça impregnada
da pergunta o que você quer *kanzen jisatsu*
manyuaru como uma espécie de bula ao revés
como uma dessas evocações sem porquê enquanto
a floresta se povoa de árvores e o canal pela
cidade se ensombra de um calor escaldante
talvez o mês de julho ao final do século talvez
janeiro em seu início mas aguardo ainda
como aquele que pensa nada ter possuído
ou diante da grande noite desses homens
dados ao mar ou ainda em uma cidade durante
as filmagens exigir da película mais do que
se pode *en lui faisant faire ce pour quoi elle*
n'est pas faite assim também dos atores da atriz
anos depois ela acabará com sua vida assim como
o filme precisa de uma fotografia ao mesmo
tempo genial e *dégueulasse* é uma das palavras
ou é a palavra diante daquilo que não se pode

compreender de anna à anne e passo sonolento
diante desse rosto sem rosto disso que não
posso enterrar sob as areias dessa praia onde nada
é seguro ou nada pode se segurar senão os
peixes-boi que se agarram ao casco das embarcações
imaginando uma fêmea qualquer antes dos arrecifes
e o dia me cansa como se estivesse sobre você
devolvendo à noite as noites boas ou a sua velhice
encalacrada de saudações junto ao monte lêucade
tentando aproximar-se do barqueiro eu tomo o
fogo em minhas mãos ou agora ele vem dizia o outro
poeta sem tino diante de um piano sem cordas
querendo ler o impossível *leukadia* de menandro
por já nem existir ou por apenas sopros de uns
poucos versos transcritos por estrabão ali onde
o que importa mesmo é o salto *ἄλμα* a palavra repetida
incansável à garota de lêucade e seu arrogante
garoto tudo em honra a apolo como se pudéssemos
contornar a tensão entre lira e arco entre palavra
e guerra pois há guerra e já são muitos dias
dessa intervenção até surgirem os cadáveres
das crianças de mochila nas mãos até usurparem
ainda uma vez aquela velhice que a poeta cantava
com uma coloração estranha tão mais próxima
do mar antigo dos hinos antigos das gestas sem
trégua como são esses meus músculos extensos
ainda ontem terminava a leitura de *cannibal*

a dizer *call me an easy animal this dark season*
quantos séculos até tomar essa cor transparente
a cada olho e não que eu não pudesse dizer
que primeiro foi a língua da minha mãe
seu rosto primitivo em minha fragilidade
ou naquilo que tentava tocar de mais perto
no mais cinzento e isso eram as áreas verdes
e o chão de terra batida o cheiro de alguns
barracos onde dormi e durmo às vezes agora
em sonho como renunciar a escrever desde
a santidade hélène e o x de teu cicio dando-me
o ato ao conforto estanque dessas evocações
todas de um ou outro suspiro que não vingará
espero o gosto do sol dentro de um copo
de cerveja ou seja insisto em *lagers* mesmo
sabendo que não me darão o prazer necessário
assim como insisto em não bebê-la para que
meus ossos não continuem a doer tanto
há cinco meninos entre os pilotis de meu prédio
eles cassam fazer cessar essa quantidade infinda
de hormônios com dois ou três gritos simultâneos
bebem cinco tragos e tragam toda a vida
fico esperando que eles continuem seu ruído
sua resistência à harmonia desse cemitério
chamado colina dessas ruas sem gente ou do
calçamento inexistente que aprendi a amar
como aprendi a amar mulheres numa ausência

como se apenas elas pudessem dizer dessa
maquinaria do tempo absorvendo meu pedaço
de carne aquele que shylock exigia ali bem perto
do coração mas não amo apenas garotas
e tenho em mim uma incompreensão da vida
de dar a vida de fazer nascer desse corpo que
continua que segue num outro corpo porque
ele se nutre nele já não tenho fome já não
é preciso deixar os cabelos longos as espinhas
já não surgem e meu dia é sempre muito curto
para que uma queda me seja importante
nem mesmo uma voz me viria baixa sobre a ponte
e dizia dos garotos abaixo naufragos talvez
quase afogados me afogando aqui vacilantes
eles fazem silêncio em mim e é como se um vento
viesse e me deixasse diante da loucura como
no dia em que liguei para a instalação de rede
de segurança sob o pretexto de poder conter
meu gato ou meu filho enquanto me continha
a mim mesmo de um salto sim o mesmo salto
da desesperada por phaón meu coração não é
um órgão ele cede e aspira e agora já nem o sinto
estou apenas com meus divertículos e a imposição
desse órgão esse sim um órgão de que eu ceda
também a meu ascendente que tenha ordem
cotidiana na quantidade de água de fibra
que eles afinal não supurem que não perfurem

e de uma septicemia eu acabe por não mais escrever essas linhas aqui não tenho vergonha de me dizer tão preso a esta doença aliás a todas as minhas doenças se fosse contar a infância de um corpo tenho um corpo que nasceu já tão desgastado como aqueles olhos da teresa do bandeira que ficam esperando uma década pelo resto do corpo inteiro no meu caso também parece que foi assim os olhos nascendo antes aos treze anos fui diagnosticado com vistas cansadas um olho explorador não queria trabalhar e o outro se sobrecarregava e nessa mais-valia dos olhos fui obrigado a passar dois anos com tampões e fisioterapias oculares consequência de hoje ver menos cores e formas na vista esquerda aos dezenove as coisas se inverteram e da vista cansada ganhei uma miopia tentando já dar conta de um mundo tão feio aos vinte e cinco senti que já não ouvia bem que algo me escapava nos diálogos fato tenho incontornáveis desvios de audição uma surdez quase progressiva que no entanto nunca me incomodou a partir dos trinta começam os diagnósticos psiquiátricos e as disfunções de toda

ordem na cabeça depressão
reativa maior distimia atípica bipolar
para cada médico um pedaço que ia
ficando
aos trinta e seis diverticulite e o comprometimento
de toda minha parte esquerda
não sem a ironia dessa esquerda em mim
as dores às vezes são insuportáveis
tão insuportáveis quanto a própria distimia
tão insuportáveis quanto ficar aqui esperando
tão insuportáveis como o caos da terceira teresa
que é o mesmo de cada sol nessa
infância que me é insuportável
quando já nem porto o corpo que pensei
ter visto um dia de relance num espelho
pois já nem mesmo há espelhos e essa é
uma casa que carrego comigo não precisar
dizer quem sou ou do que gosto ou quem amo
uma ínfima intimidade me corrói e é uma pena
que tenha medo quando se nasce já se está
morrendo e nem assim a angústia passa ela
espera como você também esperou um ano
para me dizer que fez aquilo para me salvar
estou sempre sendo salvo #sqn já que não me
quero salvar de nada é essa uma das novas
formas de dizer que se está partindo que não
haverá mais nada que a comédia acabou

e sem cortinas para anunciar o fim da cena
você precisa se levantar ainda no escuro
cuidar para não pisar em falso sair da sala
entrar no carro e parar de chorar como uma
menininha é o que talvez me diriam mesmo
que tenha tido outra experiência outra cicatriz
que talvez seja meu olho meu crânio meu
intestino o que é meu no mundo pertence
a certo horror de mim pela chegada desse
palco despido desse corpo que não se despe
ou daquele tema de amor de uma canção
de cohen ou whitman meu modo do equívoco
a entranha ferida depois da noite essa que não
passa ou que é já umbral de tudo o que nunca
será e lembro que aqui não há história
para além de alguns canais que já são
desenhados de petróleo de uma massa muito
tóxica que a cada quatro anos renova-se
com fins eleitorais nos confins da minha morte
que não é possível dizer ou mesmo se perguntar
por que me disperso na força de um sangue
às vezes já coagulado e deve ter de ser possível
poder perder tudo no momento ainda tenho
a mesma idade de alejandra quando se matou
e esse espectro não deixa de me assombrar
he dado el salto de mí al alba e não guardo
nenhuma memória da noite de sua morte

seconal sódico e umas palavras escritas fora
do papel quantas mães agora estão acordadas
não há bordas no meu corpo e no entanto
não o sinto estrangeiro a mim o que perdi
enquanto estava com você minha armadilha
a mim mesmo antes não o destino de delmira
aqueles poucos dias esperando poder ser livre
ao menos ali onde a poesia pode ser *como o que*
há de mais parecido a uma autobiografia
da morte e sigo ouvindo as tâmaras todas
ou as ruas de teresina que não me acompanham
num fico desencantado das minhas horas
as poucas que temos em comum sonhando
ser aquele vampiro que não retorna porque
ninguém retorna desse sonho de poder ter
se matado antes do tempo antes das horas
nenhuma hora que baste sobre a linha férrea
sobre o berço de uma pistola sob a máscara
de nem mais nada é demais nesse meu corpo
nesses meus músculos a sala de cinema
vazia meu corpo vazio como teus gestos
um abraço antes com um beijo um sorriso
uma mão que socorre algumas cervejas
depois e o tempo o tempo o tempo com seus
grilhões de vento aquele aborto de *rosas mais*
vermelhas que em mim geraram minha angústia
sem caminho meu caro sem nem nada

apenas poder sentir o som de um outro carro
do outro lado da rua dizendo se se quer
se se pode querer algo a mais movo os quadris
como se pudesse ainda foder a moldura de um
encontro de uma noite da pessoa amada
e tudo permanece tranquilo enquanto o gato
joga com a bola amarela roubada de meu filho
e tão ao contrário quero que meu filho seja sacudido
que ele acorde *dos anos dissolutos e passados* desse
agora sem espera das coisas sem espera ou sem
fuga sem escárnio e ambíguas como são todas
as relações que pude ter nunca quis ser mártir
nunca me foi repreensível deixar de aprender
com aqueles tão mais jovens dez quinze vinte anos
estamos lançados ao chão e não me perdoou
por não esquecer por não ter também uma
lembrança precisa daquele porão daquele depósito
onde o sexo foi o jogo o brinquedo de criança
mãos pênis boca os traços do que nunca poderemos
ser e nada basta ver a blogueira chorar ver o silêncio
que não há não me arrisco dizer o que poderia
porque já nem basta já nem mesmo o menino
que fui
pode dizer que tudo ali sacodia tudo esperava
querer uma saudade futura uma lembrança
do futuro em que me sento calmo diante
do escritório cheio de papéis cheio da visão

de não ter de continuar vivo não quero
e o cheiro do gás já quase sem odor ocupa
o corpo os *sueños son otro tiempo* eu dizia
por mensagem dizia porque a piada se constrói
enquanto trocamos de língua ou de pernas
no meio de uma rua toda molhada quem
espia quem pode continuar a dizer que se é
possível desenhar o cansaço de um a outro bar
queria poder dormir alguns dias mas tudo tranquilo
como um gás que a gente respira que a gente
respira pesado sem barcos sem ausência
aliás é isso mesmo a ausência de um barco
que nunca fui que não posso ser nisso
que chamam vida quero um calor que é apenas
corrupção meu corpo pede uma tecnologia
que é perda que é à toda à noite
vou te encontrar ali perto do que me ausento
uma perda que ignoro vir ou ver e me recuso
porque já nem me marca aquela infância
desbotada tudo está à minha frente
porque pretendo dançar o que é impassível
dois goles de cerveja dois rastros do que é
inquieto e apenas choro como choram
as águas já sem consolo já imóvel porque
tudo é meu corpo voando baixo despindo
meus quadris meu filho me reclama
com um olhar que não consolo ele me diz

o que devo amar beijos na boca abraços
que não peço os passos que vão vacilando
e ele ainda nem é a razão de tudo ele é
apenas o que ama e se pode amar rindo
um dia de sol sobre as folhas secas
vim devolver o homem tudo esfolado
como meus trapos como essa pele
e as palavras não me dizem mais do que
aquilo que se agita na vontade louca
de poder sair daqui espera e guarda
os meus sonhos são do tamanho de uma noz
tão grandes como o que não há dentro
e me corto se me corto em um lugar que ninguém
veja porque é a única coisa secreta em mim
meu único espaço privado que faço acontecer
nada é distante ou diante *já faz tempo que eu*
precisava te escrever não há memória que resista
a essa cinza despenteada ao que te guardo
com amor quando mudo as pessoas e os pronomes
25 de julho de 1969 um coração de ponta e não
de pedra ou posição de cais tudo me aguarda
como se possível ter saudade como se me fosse
perder na morte por vingança nada de progressos
meu filho transei com uma moça que já nem
sei o nome e não me protegi porque
a casa cai às vezes enquanto a história se faz
o país está ruindo antes dos seus dois anos e

digo de novo nada é novo sob o sol mas não
te abandono nem à porrada a noite é um destino
fechado *un arc-en-ciel étrange entoure ce puits*
sombre dizia aquele outro enforcado com um
livro no bolso esperando poder ter vivido
algo como uma sereia desdentada como
talvez seu pai daqui alguns anos querendo
dizer do que não permanece a cortina se fecha
meus dedos já nem se movem mas escrevo
há duas horas duas ou três páginas de uns
versos que não valem sequer um sorriso seu
fumei cinco cigarros e meu corpo já nem suporta
o tamanho de uma mesa o gato brinca
com a cortina branca vou trocá-la antes
que complete o seu próximo mês nada
pode ser tão leve quanto o sol que bate
sobre os livros que deixarei para você
a verdade é que tenho medo de tudo
no escuro um grito sobre a ponte lembrando
jean-baptiste *le sommeil était une chute*
para dizer dos modos inventados de punição
desconforto e escarro e sempre penso
como são falsas essas imagens de cristos
martirizados ou de nossa alegria diante
da verdade da mentira quero dizer a mesma
de ouvir alguém rir-se vendo-a sorrir
ao sol um pedaço de pedra e tudo permanece

afundando numa espécie de batismo sem óleo
de palavra vazia também era junho de 1910
dia dezenove um homem como eu se jogava
da pont-au-change *parce qu'il était dénué de tout*
e é salvo em pleno salto os pés num voo
os braços do outro lançados ao chão de água
à frente como se possível fosse desligar o gás
cruzar uma rede diante do parapeito da janela
deixar as cordas longas o suficiente lançar fora
os remédios demasiados não pensar em objetos
perfurantes era junho sob o signo de gêmeos
o mundo ainda não estava pronto como nunca
estará porque algo que falta profana meus sentidos
e não há sentido nenhum a não ser aquela
resistência de ter de resistir apesar da improvável
vitória sobre o temor sobre temer nosso
rosto enquanto depositamos crédulos um voto
a verdade é que já estou cansado demais para
responder e ainda assim não paro um passo
à frente e meus olhos se enchem do fogo fátuo
dos meus poucos trinta anos quando decido
viver menos muito menos do que pode querer
dizer ficar permanecer esse trapo essa roupa
macerada no primeiro dia de março na primeira
hora cheia que observo enquanto cozinhava
e imaginava essas palavras tão sem propósito
esvaziados meus pulmões doem assim como

perto da virilha espero um copo d'água
que reparto com meu filho a sua sede é ainda
muito branda e dita com muito poucas palavras
ele espera poder dizê-las entre imitações de bichos
e o pedido de socorro nascemos pedindo socorro
como o menino que se cortava o rosto
retalhando a memória que ele ainda nem tem
que não lhe foi dada ter ele espera que alguém
o salve que alguém não o salte porque ele já pensa
em saltar ou o velho o mais velho talvez já
decrépito demais para fazer soar seu sangue
fico me lembrando todo o tempo de sêneca
apud tácito cortando as veias para que se esvaiam
mais rápido o sangue e de nada adianta o tempo
contra ele e séculos mais tarde aquela espécie
de outro estoico que dizia *pourquoy n'est la vaine*
du gosier autant à nostre commandement que la mediane
uma incisão banal dada à carótida como à mediana
ou sentir que do esôfago também possa haver
um salto à garganta ao desfiladeiro ínfimo
desse meridiano a que colocamos uma data
enquanto tudo parece ainda mais banal penso
em como sobrevivem os fachos daquela escura
desembocadura que fazem de nós abandonados
à morte minha anatomia já não permite que
eu controle um músculo e no entanto é ele
que não me deixa pulsar para a forma do

narciso que há aqui ao lado diante do espelho
emoldurando minha noite emoldurando
essas pequenas caixas onde deixar um tumor
onde deixar o seu cérebro intoxicando os 40
anos *la mort est organiser la mort du mort*
e nada de incensar os que desaparecem sem mais
comecei a escrever também um ensaio longo
talvez um livro sobre a formação do estado
de extinção ali três figuras ínfimas amarillo
dias de souza 2013 favela da rocinha claudia
silva ferreira 2014 morro da congonha eduardo
de jesus ferreira 2015 complexo do alemão
como posso ainda arrastar um nome reduzindo
os danos na nuca homem mulher criança
a praia de óstia ou numa casa em montevidéu
os poetas também desaparecem a tiros esmagados
o peito então para o coração está controlado
e o ar sobrevoa a última vez na terra
quando no meio de tudo numa madrugada
qualquer de um tweet apagado na forma
de alguns relâmpagos de chuva fina
que tocam meus óculos são apenas alguns
passos até achar abrigo fico sabendo
da morte de victor heringer que não
encontrando abrigo nenhum decidiu
um voo muitas são as horas de silêncio
até algumas das notas de amigos dizerem

o que vai se tornando óbvio *um corpo*
que pode ser confundido com o corpo de um
poeta e me é estranho ter de viver sua morte
nesse poema que se chamaria antes *uma*
evocação do recife que teria no coração
aquela voz de tão longe eu sairia agora
procurando os pedaços desse corpo
destroçado já sem dúvida ou daquela
sua camisa grafada de sangue uma
vidobra ou como li quase aos poucos
pli selon pli a vida te dobrou como
ela nos dobra em geral *é isto a vida*
dos homens frequentemente não
passei mais de duas horas discutindo
à toa a estranheza da expressão
darkness visible que timpanizava
minha membrana auditiva que
luchava minha boca ou luxava
minha língua fiquei entorpecido
dos olhos talvez com um choro
muito compulsivo ou porque
tenha lembrado de repente tudo é
de repente da minha estada do lado
de fora do batente da janela esperando
também cair no concreto que dava
pra caixa de esgoto meu país é um esgoto
a céu aberto com porcos sobre o telhado

como vi numa ruela em maceió como
vi nos olhos daquelas barrigas-d'água
correndo como se a vida fosse durar
como se pudesse durar mais do que
as calamidades acabo pensando
que já não preciso mais tentar compreender
o absurdo das suas frases quantas vozes
aqui podem ser essa terceira pessoa
desculpa essa segunda pessoa a quem
penso me dirigir a quem penso em me
dirimir nada vai dar errado *quid non*
mortalia pectora cogis e isso era sobre
o amor de dido nunca imaginei você
assim despindo-se sob a foto cortada
de meu filho está aquele livro que diz
que a alma da linguagem *ne risque pas*
la mort dans le corps d'un signifiant
abandonné au monde et à la visibilité
de l'espace a fotografia do meu filho
é um perfil dele olhando para a tv
fixando imagens que ele comprehende
pouco ainda mas que permanece fascinado
a fotografia foi minha tela inicial
do celular por cerca de cinco meses
eu o olhava como a cena final daquele
bordel de joyce onde rudy aparece
fantasma e *gazes, unseeing, into bloom's*

eyes and goes on reading, kissing, smiling
essa era uma rubrica para uma cena impossível
o corpo abandonado no mundo como um
som dito no sonho era preciso tentar andar
o seus olhos brilham e retêm minhas mãos
às vezes não sei o que responder às vezes
tenho essa angústia que retorna
a cada vez que clico no atalho do spotify
me confundo e aperto o facetime a câmera
se liga e meu rosto surge desfigurado
introdução ao modo de escutar música
nunca gostei de ficar sem camisa em casa
nunca gostei de ficar sem camisa e ponto
agora que já fazem alguns anos que vivo
só que moro só para dizer a verdade tenho
ficado alguns minutos sem camisa diante
do espelho vou até o armário sem camisa
para escolher uma camisa isso leva um ou
dois minutos não gosto de ficar sem camisa
e penso sempre que seria preciso começar
as abdominais que essas dores que tenho
podem ser músculos que estão há muito
parados e que doem porque a vida dói mesmo
aquele poeta corajoso que deixou a vida
e ele é corajoso justamente porque nem
sempre a vida precisa ser preservada digo
a sua própria vida a vida que guardamos

para nós por nós como se houvesse isso
a nossa vida aquela que a constituição diz
ter direito inviolável direito à inviolabilidade
da vida como se cada vida já não fosse ela
mesma violada não há vida sem violação
e por isso alguns poetas antecipam a morte
ou não antecipam nada mutilam o sentido
que damos a isso que em geral se chama
vida então da coragem que me faz ir até
o armário e tomar sem camisa uma camisa
entrevejo claramente a mentira disso tudo
digo a mentira da vida que precisa ser preservada
estamos todos em extinção enquanto alguns
creem que a vida precisa ser preservada
para que o estado a tire para que uma guerra
produza corpos e corpos sãos às vezes
podendo permanecer nisso que é pudendo
sim sempre se trata de certa parte genital
nisso que o poder vai até o pudor do corpo
precisei de uma vacina para febre amarela
aqui ainda se morre de febre amarela dizem
ser uma doença dos trópicos e o governo
chama a população numa grande campanha
para fazer-nos esquecer do que se trata
de dez em dez anos precisamos tomar a vacina
chego ao posto de saúde e a atendente
vestida de enfermeira diz que o senhor já deve

ter tomado essa vacina cadê seu cartão de vacinação
eu digo que tomei há mais de dez anos e que
o site do governo recomenda tomar uma nova
dose ela questiona e diz que a nova norma é
que a vacina vale para toda a vida se você já tomou
não comprehendo o arrazoado pergunto novamente
já que tomei há dez anos antes de uma viagem
ao egito em que a vigilância sanitária internacional
me pediu tomar num cartão alaranjado dizendo
que só poderia fazê-lo se não fosse alérgico a ovo
o tempo aqui não é aquele que estamos acostumados
e o futuro intervém no passado a vacina que não
tomarei já vale por uma que deveria tomar
o poeta teve a coragem de saltar diante dessas coisas
as vidas que não precisam ser preservadas
se o estado soubesse que pretendo me matar
o que ele faria como ele faria recebo in box um
poema um poema longo de dois poetas que
se amam se amam numa viagem *do outro lado*
do mundo ela e ele estão assombrados por
esse paralelo de latitudes que unem o camboja
ao rio de janeiro não consigo não lembrar
do meridiano daquele outro poeta *das gedicht*
will zu einem andern es braucht dieses andere
es braucht ein gegenüber es sucht es auf es spricht
sich ihm zu isso ele dizia que há algo como
o segredo do encontro num poema o que se vê

num poema não é nada além dessa ida
em direção ao outro que ele precisa que ele tem
necessidade que ele procura a quem ele se promete
qual o caminho posso tomar eles se perguntam
entre serem turistas e continuarem a sentir
os motores das motocicletas que se espalham
no trânsito minha vida continua a se medir
por meridianos e os círculos de latitude têm
permanecido como que calados à força
das minhas tristezas os rapazes na rua são os únicos
a me olhar com algum interesse e sem desviar
os olhos eles ainda me prometem algo como
essa busca num sonho onde o beto perguntava
à dani e ela respondia não sei antes de seguir
e tive muitos sonhos assim entre o bizarro
e a correspondência clara com uma realidade
possível das minhas pulsões um café servido
em copo de plástico quando meu filho já
com uns 24 anos vinha me visitar em londres
ele morando em paris o copo cheio do que
seria açúcar quando olho o estranho de servirem
em um copo de plástico vejo que seria soda
cáustica o corpo começa a derreter sim o corpo
a imagem dele é sempre muito bonita nesse
sonho e quem é ele já nem sei isso me dá
uma expectativa de estar vivo ainda por mais
quase 23 anos estarei então com 60 e à beira

do que poderia ainda ser um sopro lançado
ao precipício eu dizia outro dia não tentem
me salvar do salto ele já existe em mim
posso ser muito cruel com as pessoas
no entanto trata-se sempre de uma crueldade
sá digo sá para retirar o que é sô da vida
essa imposição descabida de que precisamos
estar sempre mais higiênicos mais limpos
mais alegres já não sei por quanto tempo
sustentei um sorriso tolo uma alegria falsa
para que as pessoas se sentissem bem bom dia
boa tarde boa noite queria partir numa noite
dessas e desaparecendo apenas enviar meu
casaco de palavras sem consciência *do outro lado*
talvez seguisse a viagem talvez abraçasse a luz
da lua refletida no yangtzé sem tombadilho
nada é tão alto que não possamos ainda olhar
para cima como deixei as plantas morrerem elas
não suportam a seca e nem a chuva
as deixou suspensas nos arredores
há um gato de rua muito bonito
chumbo de olhos verdes a pelagem
de bem alimentado talvez devore besouros
além dos ratos a que os urubus competem
pequenos mamíferos ou aqueles de ventre
aberto vi que as pessoas deixam sacos plásticos
recheados de mangas muito maduras

para trás e se aglomeram na grama
espécie de despacho pra santo nenhum
li certa vez em mauss que uma festa diante da pítia
possui três atos *a morte da vítima a comunhão*
e a ressureição da vítima quantos dons até
o impossível quantos santos estão dispostos
a fazer morrer ou abrir caminhos prepara
meu padê e a paixão corre solta na veia
do alienado assim o médico diria ao interno
de rodez digo saint-rémy digo engenho de dentro
a paixão dos apáticos como naquela pintura
de manet desfigurando a camisa sobre
a cama e a mancha de sangue convergindo
numa mão que pende um revólver a imagem
que ressuscitará em cada espasmo essa injúria
calma que desdiz um lugar ainda do que poderia
ser tão real quanto a luz projetada de um
cinema vejo lucrécia despindo seu peito
dürer a viu diferente sem sensualidade alguma
meus fantasmas perseguem essa noite
esse quarto onde não posso sequer dizer
da obra sua inoperância como um susto
breve aqueles que se levantam e minha
voz embarga vejo novas vidas surgirem
e à vida nova *in quella parte del libro*
de la mia memoria não há esse começo
escapam-se já todo lume e um salto pode

querer dizer que estamos ali soltos
por um fio pela costura do livro por
isso que se chamou memória ou à parte
dela meus dedos correndo como minha
cabeça tenta correr até você poderia me
fazer um favor deixa calada essa peça
e não me faça querer encenar mais uma
das minhas falsas falas acerca do feliz
final de tudo não vou eleger nenhuma comarca
nenhum espaço onde doar minha dor
apenas me espera que ainda me calarei
um anjo que agora saltasse cairia
de suas asas o chão antes remoto
viraria lar ou casa e nada de acordar
com essas dores de humano sobre
o céu de berlim ou nada de uma asa
cortada aparada de dá o pé louro
repetindo uma ou outra graça o anjo
cai no meio da praça e tão sem sangue
seu corpo ali estatelado é já o peso
do que excede a carne excedendo
o março que agora mesmo pode terminar
ainda é muito cedo hoje dizia um rapaz
no meu ouvido uma noite dessas querendo
dizer que as horas não se medem sós
de parte a parte é possível que seu quinhão
esteja guardado uma noite dessas sem

esquina ou sem prumada desviando o olhar
numa calçada escura divisa de grama alta
e vias de acesso entre a colina e a 408
ele dizia ainda é muito cedo hoje já não sabe
como tomei de um flerte a tudo o que tenho
pensado aqui sobre esse tempo mais breve
que o leve de uma noite em que você pode
ouvir ainda é muito cedo hoje não cансо
de pensar que os urubus estão aqui não
pela estação de tratamento com seus depósitos
de detritos de material orgânico se decompondo
mas por já farejar os cadáveres que habitam
o concreto o calor de cada lajota corrompendo
o corpo todo e por certo cairá um dia
e eles estão prontos para colher seus despojos
do alto das lajes ao lado das caixas-d'água
e é quando no mesmo momento você é capaz
de ouvir os tiros que atravessam uma mulher
que atravessa toda a cidade daquilo que é amar
é aquilo que é mar mais um corpo negro
que é estirado entre ordem e falso preceito
o corpo de marielle segue executado
enquanto a cinelândia povoa seu espaço
de um silêncio entre imagem tempo
e *zéroïté* de tudo como se meus movimentos
ficassem estanques num gesto anterior
ao cinema e ao mesmo tempo num tempo

posterior nunca presente como qualquer
corpo negro lésbico feminino favelado
os tiros que acertaram sua cabeça nada
mais são que o mesmo modo com que
seguimos atirando o susto de não haver
senão a exceção a um mesmo estado de coisas
seguem semanas e esse corpo permanece
isso despojo da classe mais um dos nomes
sem busca e apreensão o mesmo sempre
sem provas indiferente seguem mais tiros
uma caravana passa e o sul esbraveja
o fogo disparado contra o que não se pretende
um e logo é preciso estar atento ao que diz
a pele no que ela escreve do tempo
ainda que breve e sua velhice as dores
que me subtraem o rim e meu corpo
esse resto diante do que poderia dizer
e calei por demasiado mesmo que espere
ainda que haja um tí a quem contar
o escuro desse céu de então
você acorda de ressaca depois de horas judiciais
depois de tudo deixar de fazer sentido
o sol rachando um azul contrário ao ontem
você vai ao cartório no país dos cartórios
você precisa atualizar dados da certidão
do seu filho que nem quase ainda nasceu
olhando a identidade dele se dá conta

de que ele nasceu por aqui e seus athos
ainda podem resistir por muito tempo
ou como se irrompesse duma chuva
que não cessa de chover como se a cada
chuva essa varanda se lavasse você olha
o ponto indistinto de uma fotografia
indistinta aquele homem carregado
a morte de um combatente não para
a revolução o homem é carregado
enquanto tentam carregar as armas
enquanto tentam carregar seus sonhos
num susto não curvado as mãos erguidas
tudo o que se espalha num sábado atrapalhado
a chuva chorando ao lado das certidões
todas não de um camburão ao ostracismo
essa pena máxima do esquecimento essa
peça quebrada do nome que devesse à injúria
tentando esquecer ainda que continuamos
matáveis o homem está sobre um trio
e segue erguido *eu sou uma ideia* e mesmo
que meu coração parasse de bater a chuva
terminasse ele *vai continuar batendo* nas flores
de uma primavera que chega ainda tímida
no hemisfério norte chega ainda tímida para
anunciar que tudo deveria parar enquanto
passa aquele homem a quem falta um dedo
e que nessa falta se faz um nome a assumir

dizer em resposta dizer-te em resposta nunca
branda que de lá encarcerado em ferimentos
ali onde sangra a américa latina onde sangra
o trajeto desse nome *polémétis* desse nome
que a muitos diz lá lá lá numa luta esse luto
e diria ainda a você luto ainda continuarei
a luta que vale se é que algo valha mais do
valia mais ainda desse espectro dessa aparição
dum seu nome desse que declara vivo sua morte
ma mort est-elle possible declara que já tendo
trespassado muito junto à marisa letícia
aquela que fundou com café pronto um
partido que segue essa cicatriz a cada ano
se abrindo nas veias tão queimadas da pele
embrutecida ao sol *april is the crulest*
month sempre tentando ali habitar o possível
que não para revolução alguma que não
cala as montadoras mas sobretudo não calam
os metalúrgicos ali em corrente humana
em trincheiras *vocês vão queimar os pneus de vocês*
nesse nome que não se esquece nessa luta
que não finda na saúde fina do ex-presidente
na voz rouca de quem sempre pôde repetir
e dali segue nossa vergonha dali seguirá
o que podemos tentar ver e não calar o homem
que deram por nome luís inácio que deram
por nome lula e não é estranho que os afetos

tenham tomado essa marcha marcial tal o tom
odi et amo do que acontece em mim de mim
pra mim quando você vem e meu corpo se
tortura sim são as tartarugas da lira quelônia
não cantando os ais os us os hms mas a interjeição
que não povoa meus sons de palavra meu peito
que arrebenta agora só em tontura e a testa
suada aquele corpo que levanta a febre nesse
levante como se eu pudesse ainda dizer eu
estou aqui *odi et amo* dizia catulo *carmina*
85 e dizendo que não há amor sem as torturas
do acontecimento deixava sempre o outro
perguntando *por que eu faço isso* alguns
minutos muitos séculos depois numa terça
20 de março de 1973 lacan propôs um termo
bastardo é ele quem diz após ter soletrado
para escrever para que pudéssemos escrevê-lo
hainamoration talvez algo como *amódio*
vide versão ao português do brasil ou algo
como *odeiamo* que assim eu traduzisse pra
dizer que em *eu-te-amo* na declaração de amor
portanto há sempre quem odeie e ele vem
de uma terceira pessoa de uma segunda pessoa
dessa pessoa a quem nos dirigimos a cona
o conatus me inclino sobre você e dali meu
todo meu ódio ou amor o que dá no mesmo
e posso ver pelos olhos da jovem fotógrafa

iraniana noosha babaei esse véu que cobre
a infância a primeira sem linguagem arames
farpados que cobrem ou melhor como se
cobrissem o papel higiênico dessa história
de fezes mamadas cercos e berços tenho
um terçol no olho que me diz que sempre
que há nós há uma babel irrecusada num
conjunto de dezesseis imagens a roupa
da criança está manchada estendida num varal
também farpado e a mancha a mesma das comidas
é também aquela que ela carregará no peito
próximo ao sangue ao coração às balas
que por certo poderão vir o talco é terra
para quem já teve de nascer já que do amor
só sua relação com o saber sabendo-o algo
valha esse impasse formal em que o passo
não passa a passar não deixa passar no mais
real contrassenso *moins il hait et du même coup*
moins il est odeiamo a ti assim na minha dislexia
e me é ao menos impossível dizer-te toda
verdade e me odeio a cada vez que essa segunda
pessoa me faz ode de amor e não se trata apenas
dessa assonânciam dessa reverberação em que freud
viu o desejo da mulher *was will das weib* como se
ela fosse já o próprio desejo logo o que ele deixa
de fora *apud* lacan recebo esse intruso aqui
bem aqui diante de mim não apenas a mulher

mantida sob o jugo cabresto dum cabra qualquer
seja ele mesmo o dr sigm freud máquina-tabu
mas o que no meu limite é inconfessável
a morte de um combatente não para
a revolução ou ainda falava a pouco do hino
marcial do que se escreve mais acima o corpo
do homem é ele também uma questão de superfície
hoc dolet et queritur de me mea mentula secum
que talvez não seja necessário traduzir no meu
péssimo latim na minha impossibilidade em ler
latim mas que algo sofre fere e se queixa de mim
consigo quando o isso dói no meu pau
mas chego ao rio ou à mata para tentar dizer
que nada parece ideal idealmente ideal
não há *wunderblock* que não tenha sido já
uma memória plural as memórias que seguem
se representando aqui ou ali como perguntava
marcial *apud* décio se era santa aquela que
da boca faz boceta digo que é preciso ainda
e ainda traçar o sulco a mata fechada
desbravando o que está sob rasura era aquele
argelino novamente entre as conversas
entre as falas que tentava performar enquanto
não conseguia chegar ao ponto a um ponto
mínimo entre o que chega a ser o alhures
o coração e o corpo ou a pele de imagens
daquele yanomami que apenas reconhecia

uma língua de aparições assombradas pelo
retorno incansável do que não pode simplesmente
retornar por singular uma vida singular
que chegue bem próximo que chegue a ser
a morte à luz de um retardo inscrevendo-se
nesse limiar de estações confusas quando
rumo a manaus só ouço falar do isolamento
da necessidade de aqui fundar um exílio
de que não se pode sair daqui e não se quer
que *quem come o jaraqui não sai daqui*
o quarto de hotel não possui um móvel
com gavetas e sua abertura essencial contrasta
com o que está lá fora fechando-se aqui
ao lado da cama uma edição do *novo testamento*
como se costuma ter em quartos de hotéis
fico esperando por dias que natacha von braun
entre e procure pelo dicionário de palavras
que se apagam que se parecem à memória
ou que essa cena deixe de se repetir em meus
sonhos quando recebo um e-mail e ali parece
haver algo a mais algo que estaria disposto
a apostar mas o que aparece angustia-se em sua
própria desaparição um traço do presente
que assume uma loucura desvairada uma razão
que não posso dizer sem o mel do drama
o que posso imitar saio me perguntando entre
o banheiro e a cama e o prédio treme enquanto

o calor tosta minha pele de baixo para cima
num mormaço que já nem suporto o que posso
imitar da vida e da morte se meu corpo agora
não pode sequer dizer o que seus gestos poderiam
fazer de uma pluralidade esfacelando-se ao sol
e eram calhaus eu gostaria de te dizer mas já
nem creio nisso deixei de acreditar numa promessa
que seria eu mesmo fazer a mim e isso quer dizer
amor ou amar não importa mais sigo a rua
povoada de alguns bares e gentes sem olhar
e não há nada aqui as placas dizem que as vidas
atravessam a rua e que portanto é preciso ir devagar
tenho ido tão devagar que a vida talvez tenha
desistido de insistir escrever-se em mim diante
desse corpo que convoca minha presença sei
no entanto que sigo sobrevivendo e um rastro
disso é minha cicatriz que as vezes supura
nenhum rio é um elo e aqui as gentes são ilhas
perdoem-me pelo que vou fazer mas é preciso
matar o disfarce enquanto minha força se desloca
daqui entre as milhares de gotículas úmidas
que tentam me afogar repetindo um roubo de mim
a arma na cabeça e a memória da criança que não fui
e entra em cena o assalto com dois protagonistas
um 38 à mão todos pra dentro sai ao mesmo tempo
o menino de há vinte anos que tremia e treme ainda
encurralados num beco qualquer as vozes que calam

o bairro coroado de manaus ou o gesto estendido
da manhã chegando naquela voz quase metálica
de monsieur jean para dizer da *arte de viver srebrenica mostar sarajevo*
os senhores trump macron a senhora may jogam suas bombas
sobre damasco e homs tudo para derramar o sangue sem importância
de cada sírio por defendê-los de bashar al-assad o mundo
como se pudesse sobreviver às plataformas do poema a isso
que treme aqui ainda treme em mim e nas mãos desses caboclos
que não se reconhecem nem limiares nem alhures enquanto
sem mais a ex-miss febem exige seu sangue sobre uma foto
pra vazar os misóginos bioterrorismo e nanotecnologia
meu corpo exigindo andar sem sair da cama
enquanto há calor dentro e fora dessas ruas sem saídas
o assalto menos de dois minutos e um dia após tudo rodava
pra falar precisamos de uma língua e que a boca não canse
meu palato baixa mesmo sobre o gosto apegado do tambaqui
então enquanto corre o barco do manoel vejo
que seus olhos não precisam mais ver o grandioso exuberante
de mata ou rio caudaloso ele mostra o jaçanã sobre a vitória-régia
que se vai desfazendo no grácil frágil duma cheia
esse mesmo traço que impede pela acidez velocidade temperatura
e densidade que o solimões se funda ao negro num fundo de barco
a muito deixado de lado então ele olha ainda o delicado
nada que não seja a palafita a marca das águas nas casas
os igapós que se vão enchendo entre igarapés
tudo em cerca de duas horas pra saber que o silêncio
apenas se interrompe pelo pequeno grito dos micos

ou do tempo que o cipó abrace com a morte o tronco
espresso da árvore e aqui o tempo faz esse ruído quase inaudito
percorrendo o sol que se mantém estático num horizonte
embaçado lá fora o golpe segue seu curso e tiradentes é difamado
enquanto seu corpo é reesquartejado num sonho de liberdade
que não virá e que apenas se afoga no vatapá amazônico para
acompanhar o salgado do pirarucu de água preta
e leonardo boff segue sentado naquele quadro de hopper
a espera desolada para poder morrer em paz ou no mínimo
numa democracia o azul polícia estampando o espancado do dia
ele espera ver lula que está ali encarcerado há duas semanas
a música é sempre a mesma ela dizia e se diz do ritmo
mas também da voz entre ituxi e uma balsa flutuante qualquer
podemos ainda rir sem pensar numa revolta que não seja drástica
ou o que pode significar ter estado em todos os momentos
em que o dia decidia só pelo fim *recuerdos de la alhambra*
tentar continuar aquelas cordas no som mais baixo
mais abaixo do meu esôfago e meus dedos se paralisam
dilma alertava que tinham parasitado a democracia
como ela mesma como a democracia mesma tinha
se tornado um bando a exercer a exceção escancarada
como regra e é *da exceção querer a morte da regra*
ficaremos esperando o último xamã morrer e com ele
o céu numa queda aleijar um novo suspiro sem criança
aquele choro dos novos pedintes que já não querem
o dinheiro da cachaça pedem antes um lanche qualquer
uma comida qualquer para ter do que levar pra casa

se toco sua mão enquanto toco a minha o que pode querer
dizer isso a que chamamos de tato ter tato é por certo
delicadeza demais num mundo bruto nada que as bestas
já não soubessem mas espero uma pele de palavras
algo como o pronome possessivo do xamã que queria
saber dizer em yanomami para saber se de fato se trata
disso mesmo um pronome que diz *que é minha*
ela não é minha a minha carne a minha pele a minha voz
as tomo emprestadas todas pois nem um poema longo
pode dizer o raso dessas ruas aterradas de um betume
moroso já sem céu no voo do precário e da ruína
qu yuan antes de sucumbir ao miluo pedia desenredar
as tristezas e aliar a dor pois *o dia é escuro e gira em torno*
da noite ou *se volta para a noite* o dia a dia antes
do rio negro não muito longe de uma china antiga
e ainda agora foi a morte da baleia uma vez mais
aquela da fome como estética um traço de seco
entre os fotogramas que se aceleravam
por contar o silêncio nelson deixa a vida ali
onde se elidem foice e martelo no concreto
branco da capital federal no esterco fosco de onde
estender ainda um punho e a bandeira dos trabalhadores
sem terra que ainda joram sangue mas erguem
o punho de uma viúva chamando presente o corpo
despojado de marielle o corpo negro e feminino alvejado
agora não só de balas antes do que estala no porão
da milícia militar ergueria um rifle sem a violência

de um filósofo ou cataria as latas que se desfazem
sob meus olhos que gostariam de parar um minuto
diante do toque parar pode querer dizer cegar
e no entanto há muita luz antes que a neblina erga
seu arame farpado seus fuzis ela age antes com fome e bala
perdida achando meus traços os traços que nem estão
porque já cinzas meu rosto que teima chorar
enquanto precisava não declinar ou olhar para baixo
sinto que meu amor está desfalecendo minha pele
trocando o abril por uma forma que não comprehende
ainda estar em pleno outono e precisa não sentir frio
queria apenas te beijar essa noite fazer do tempo
a demora entre esses lábios que aguardam o sono
num dia a mais não há consolo nesses feixes
da memória não há sol *the heart weighs 300 grams*
quando se começa a pesar um coração ou
essa bomba infla e deixa de inflar não há nada mais
o que fazer penso ou ouço dizer como se já um
sobrevoo cruzasse o centro-oeste de várzeas deixadas
pra trás dentro disso que invento para fora do disponível
um risco ao acaso para ter de traduzir numa língua
outra de esses não tão puxados da língua a mesma
que se solta ainda meio sonolento falava hoje
dizia que era necessário compor algo que fosse uma
sobrevivência mínima pequenos urros do bugio
do poema do beto que não se deixa capturar
e na tela aquela outra elena dança antes de se formar

ilha solta rodes ou pélagos ou ainda essa cidade
de manaus cercada sem primavera sem revolta
era por isso que ele chorava mais cedo a loucura
ou a guerrilha em meio a tudo que se deve profanar
essa espera cansada em que se pode topar com alguém
dia 24 de abril 13h43 sonhei um encontro
em dois tempos com duas distintas pessoas
uma delas conhecida de todos certamente
célebre e céler no meu cérebro e assim
entrava em casa o gato estava morto mancha
marrom sobre o sofá azul turquesa o tapete
como que raspado por uma longa pá sai
sorridente preciado fazendo a curva da cozinha
ele dizia que era preciso castrar o gato
mas que o veterinário preferiu matá-lo
com um golpe da cabeça como quem matasse
um boi sinto no mesmo instante uma queimação
no esôfago e o cheiro de sangue quente que se
derrama num abatedouro a língua de fora do boi
quando me viro após esse breve enjojo preciado
coloca um lp que roda numa rotação descompassada
more productive leio na parede ao lado das *ruas do possível*
e ele diz muito calmo com sorriso aberto *bioterrorismo*
de multidão isso em português sem nenhum sotaque
lembro da passagem do corpo como *arquivo político*
aberto método agnès não canso de pensar no cordeiro
o segundo tempo a segunda pessoa o distinto não

guardarei aqui o nome ele segue guardado em mim
e é irrelevante que o saibam mas no sonho me fazia
perguntas muito íntimas que evidentemente recalquei
todas embora não tenha estado de modo algum
intimidado durante essa espécie de entrevista
que começava frente a frente e terminava em mensagens
trocadas online numa delas dizia *é possível controlar*
o que se proíbe ou ainda *eu tenho mil assuntos para*
a voz parecia deslocada do corpo o que é o padrão
dos meus sonhos mas de repente o visor do telefone
se ilumina e as mensagens se apagam em seguida
gastei quinze cigarros para dormir novamente
no sonho e já que nunca pude me dizer católico
por falsear sempre uma pequena história
um tiro no vazio as mãos que tremem sem saber
ou um voo pendendo do arbitrário você falava
em energias que substituem o silêncio que é insuportável
o silêncio eu dizia da angústia insubstituível desse
corpo que não consegue se exceder karl marx fez
duzentos anos e continuo achando *grundrisse*
mais interessante do que tudo o que se fez talvez
por uma zona indecidível indiscernível quando se
pensa o modo inacabado a escrita inacabada
de mim mesmo é preciso um anteparo antediluviano
nisso que o capitalista sonha como valor para si, como
riqueza imperecível por isso não posso seguir
guiado por energias por essas essências morosas

a não ser aquelas tornadas óleos e que o corpo
reconhece contrárias à apropriação do corpo por mim
por esse eu que você dizia ter uma razão que não existe
uma forma que se diz céтика para não dizer mística
mas que não está nem perto dessa razão que nos força
já que *as bocas apodrecem enquanto a noite*
soluça no alto de uma ponte aquela imagem de meninos
com cigarros na mão três ou quatro já não lembro
bem os rostos não se encontram e a aberração
desses desejos estão laqueados em seus cabelos
uma mão excede seu trabalho segurando o filtro
uma boca sustém o mundo assombrado do que
nem chegou a ser a outra fumaça dando as costas
dentro da noite muitas noites enquanto a polícia
segue batendo em estudantes *parti de peur* é pela
violência o ódio a repressão líamos durante maio
enquanto caminhávamos nas ruas de 1968
tentando não nos calar isso foi numa outra vida
quando éramos demasiado jovens mesmo que
ainda o seja para me deixar calar ocupação
das fábricas agora anunciada por um homem sitiado
dentro do sindicato para fazer se insurgir a massa
o que não ocorre são quase trinta dias nulos
o sol continua a castigar os dias para que a noite
esfrie e ela esfria sem um corpo ao lado sem a fronte
única um operário de mão erguida querendo
falar de desejos e afetos mas tudo é gangrena

no maço de cigarros que se junta às cinzas deixadas
sobre a mesa esse é o seu corpo que resolve não dançar
porque não há rua para dizer vai por aqui fico sozinho
enquanto aqueles cisnes insistirem a cantar
um som mudo aqui dentro da minha cabeça sem metáfora
eles cantam e eu não ouço mesmo que cantem só pra mim
uma barricada e o som da língua francesa vai se perdendo
e o fotógrafo húngaro explodido segura ainda a câmera
e sigo assombrado pelas sombras de koudelka de boskovice
ruína que talvez erga uma nova indochina um quarto
em que tudo possa dizer dessa laceração que é escrever
mas *moi j'étais presque aussi saoul que moi* o mundo
se desfazendo para que meus olhos descansem e acordem
ardendo não posso contar sua história então conto
e conto à parte de tudo o que se conta os mortos
contados um a um aqueles que têm poucas *possibilidades*
de encontrarmos alguma materialidade queimados
as cinzas que apagam os rastros tendo saído dali
para compor uma inscrição na pele de um corpo
que pede ser composto que pede estar no mundo
nesse delírio do mundo queimam ainda um corpo
esse que assinava matheusa saindo do encantado
para nenhuma parte alhures nenhum dizia hoje
que o desejo escorre e corta e depois o anúncio
numa banca de chaveiro de que se amolam facas
tesouras ou de que *picasso não pichava* numa
feira hipster onde o sol brilha pra eles e pra ninguém

mais onde o gramado é mais verde e eles se espraiam
dessa cômoda morada guardada em seu *valor de troca*
autonomizado os prazos daquelas barbas daquelas
saias à mercê do código civil para manter viva
uma cidade eles continuarão a matar dizia e o seu
sono me atormenta como uma tortura que não pude
sofrer me demoro sobre sua foto e sua cor avermelha
as pétalas brancas no sol a pino enquanto penso
em queimar tudo isso sem deixar um governo dos vivos
queimar como o sol queima minha testa enquanto ela
cresce a cada minuto deixando de lado os fios
minha atadura com o tempo *love's not time's fool*
imagina então se eu te falasse do inverno de uma
estação qualquer esperando o fim de uma sílaba
essa que interrompe o r e estanque num som
grave o o da minha boca *love alters not*
with his brief hours and weeks esse conflito
de calor e calor do mais ao menos frio um enxame
de violetas na sua voz na minha voz que diz
por certo que o desejo não está aqui mas nesse entre
os dois sexos amadurecendo como um soluço
repentino ou o latido estridente dos cachorros
que nunca verei a cara minha fuça que insiste
permanecer em silêncio *oi bonito você pode me dar*
um cigarro o som de iansã e o lume dos relâmpagos
era isso a rua por onde passava e lembrava quase
sem me dar por isso do poema que li muito jovem

love is not love você sentava do outro lado do oceano
eu diante de muitos vocês abrindo o corpo
sem a navalha que corta os pelos da minha barba
projeto o corpo ainda sob a pretensa forma
dos meus dedos cansados enquanto tento me apropriar
da minha própria morte essa noite ou desse ímpeto
de querer remédios que estejam estacionados como
carros ao sol como se eu te falasse do verão
ou de outra qualquer estação meus pés cansados
de pisar um país no norte ali onde tudo sorri
ainda é maio aos touros e os corpos não sabem
da urgência de ter de viver esses últimos dias
qu'est-ce que le monde essa inundação
da seca *qu'est-ce que l'autre va faire*
de mon désir dizia a mim mesmo
a partir daqueles fragmentos que você deixou aqui
e logo antes de falar dos *hypomnêmata* esse
poema essa tentativa de escrever do eu ao outro
não para se lembrar escuta bem não para lembrar
mas para inventar uma técnica da vida sobrevivendo
a mim mesmo não me sai da cabeça que aquele corpo
foi julgado antes de ser entregue ao fogo e você estava
ali num mundo onde o desejo é feito falta farfalhando
num bloco de gesso que despencava cheio de água
durante a seca que se anuncia ou o dia que começa
demasiadamente cedo com um sorriso de criança
e as mãos erguidas num pedaço de papel onde espalho

notas a conta de telefone às vezes a fatura do cartão
eu resolvi remontar o mundo às avessas esperando
poder sorver o último trago dessa mensagem deixada
fitter ou os beijos sem saliva a boca que racha à distância
e meus pés que continuam trêmulos *não podemos aceitar*
que a câmara se transforme em cartório carimbador
de opiniões de partes da sociedade os cavalos seguem
a galope fugindo do poema *& where were you in our lean*
hour horas sem dúvida na dúvida da hora ela repetida
numa imagem de cinema a sombra do colina à
vanguarda armada revolucionária palmares seu
banco de réus e reclusa nas torturas que sucumbiu
ela ali novamente sob um jugo de escárnio quarenta
e quatro anos de um retorno insano a menina
que o homem não suportou como se titorelli
esse *vertrauensmann des gerichts* pudesse calmo
suster toda a justiça diante dos olhos pasmos
das telas que pintava moldando o mundo de pequenas
portas e corredores abafados num devaneio
bruto eu vi o silêncio ali e era o filme inventando
o silêncio que ouvia em cada rua despovoada
deixando alegre o fruto já apodrecido de sorrisos
cínicos sem grades suas mãos voam no tecido
rubro da sua fala que gagueja como todo corpo torturado
não deixa de gaguejar e num só e mesmo instante
em riste mantém-se no coração diante da tempestade
que já não veio não estamos alegres é certo a última

fala antes da quilha a primeira a dizer da ameaça
mas também *por que razão haveríamos de ficar tristes*
a menina ali lia maiakóvski ou que *no hay presos*
políticos en brasil eles querem fazer crer que não
existimos estando ali dentro presos a um sonho
distópico quatro sobrancelhas compondo o rosto
para melhor criar a imagem quando dependurado
do lado de fora dos trilhos de ar que carregavam
os ônibus vazios e meu filho acordando no meio
da noite para me dar um beijo e dizer que *tá*
que ele tomaria o seu leite habitual enquanto
o tempo não passasse para se fazer uma nova manhã
despedaçada que seu passo firme de ponta de pé
pudesse ainda palmilhar a estrada ferrosa hoje faz
dois anos que perdi meu pai e me dei conta por ser
domingo e aquela sexta-feira foi das mais duras
tatuei meu braço para que não esquecesse
do que tenho a dizer mas agora já tudo está tão longe
que nada é doce nem a vontade nem a fala
que guardamos para os últimos dias o golpe ia se dando
também em seu corpo já sem respostas já esgarçado
o que mais me lembro é do tom da sua voz e do pigarro
como me lembro dos batuques na esplanada e das caras
tristes que povoariam meus dias até então num signo
desesperado para narrar o abismo ou contar um romance
imperfeito como sempre são imperfeitos os encontros
como sempre há um propagandista dentro do governo

para talvez nos fazer rir vinte anos em dois o brasil voltou
vinte anos em dois e tudo não passa de mais uma piada
enquanto isso israel consolida sua sanha genocida em gaza
nakba agora o contra-campo da *shoah*
jerusalém nunca será capital dos sionistas mesmo que
os americanos transfiram sua embaixada para lá e produzam
sessenta mortos dois mil e quatrocentos feridos
um bebê também morto intoxicado por gás lacrimogênio
nakba nakba nakba até que os palestinos se afoguem
os israeli não vão parar tudo ali é noite no dourado
do cabelo de trump *dein aschenes haar your darkness*
hair faatima shaeruk al'aswad faatima ela desmamava
seus filhos enquanto as bombas continuavam a cair
franco-atiradores na linha de fronteira e estupradores
que invadiram aquelas terras não há outra solução
diriam a não ser caçar esses porcos árabes e os estados
unidos colocando o padrão sobre jerusalém onde
o domo dourado se ergue o muro segue atado
a um passado outro sem sionistas sem o estéreo
na cruz de david da estrela de cristo foi aristóteles
quem me ensinou a dizer os análogos em nomes
estranhos os judeus afogando depois de terem
sido queimados passei o dia traduzindo *a prophecy*
e não posso dizer que cantei jaulas esquecidas
talvez ouvi olvidados aqueles que serão não sem pesar
os esfaqueadores das ruas de paris aguardando
poder salvar o dia não aceitar restos de guerra

até o suplício nenhum refúgio senão essa solidão
desmesurada da escrita essa solidão é também
a do terror que sentem esses corpos que precisam
comemorar a chegada aos trinta porque *a gente*
não precisa de ibge pra saber e eu lia os lábios
de um rapaz no bar de ontem ele não era capaz
de dizer algo como *da toca do coelho* um hábito
que tenho de cair ao longo da noite e não voltar
either the well was very deep or she fell very slowly
tentando lembrar que o cabelo e o relógio de bolso
parecem acessórios colados à gravura das páginas
amarelas ou confundo com as ilustrações de uns
poemas que leram pra mim quando criança
for she had plenty of time as she went down to look
about her and to wonder what was going to happen
next às vezes um poço é um bom lugar para se cair
e ter o tempo restituído já não tenho tempo
para que ela seja por isso aos trinta aquela voz
de açucena *golpéandome los labios con un ángel*
aquele que escreve à contrapelo o que não se
escreve nos pelos *engel der geschichte* diziam há
vinte anos a meus ouvidos já tão macerados
ouvindo oceanos meu martelo sendo esse órgão
externo da minha pele de molusco sem pérola
sem nada os lábios do rapaz calavam nada voa
ali o anjo estático *es que soy yo ante tu color*
de mundo não me deixe um segundo sob essas

sombrias que a nasa envia do espaço sobre
a terra *quando no meio de tantos anêmicos respiramos*
são aquelas lágrimas da história feita de filhos únicos
lembro às vezes do meu primo com sua guitarra
diante do tempo um músico é uma espécie de controlador
do tempo que pode torar uma corda e doar o lote
de silêncio para que o mundo caia como se não pudesse
ter vivido ou escapado de ter vivido sem os vestidos
das putas esse vulcão de cinema e guerra essa cinza
dum passado que não deixa a angústia de lado
o corpo de um animal coberto de moscas e estou
anêmico de mim mesmo as embalagens de cigarro
falseando as dores todas como se elas já não estivessem
ali nisso que é breve ou no que já não era mais
a morte familiar a sensação de que às vezes aquele
tempo passou e seguindo o luto possível a cisão
de uma fotografia tomada em silhueta ou em filetes
de cobre para tramar a folha numa espessura de cão
faminto o golpe não veio da rua ele tombou
numa ligação *com o supremo com tudo* botando os ovos
podres na cesta da menina que partia os arco-íris
e voltava com a adaga na mão depois do acasalamento
das raposas era um menino um menino que carrega
a marca de quem ainda não sabe bater às portas
mas demanda uma moeda para salvar o seu dia numa
lata de leite ninho o pó branco que o espera na esquina
que o fará viver apenas numa vida que já não importa

quando os corpos importam como números *dont le mort est l'enjeu* a tomar duas ou três doses da cicuta para não ceder ao julgamento injusto dos pais da pátria diante dos párias que devemos nos tornar não por desobediência civil essa bizarra forma de ser americano mas pária sem casta diante da extinção um corpo desconhecido que no entanto não desconhece nada de seu corpo apenas vaga numa torsão de pé após ter bebido muito ou no sonho que apagamos após ter tirado a calcinha era o que ouvia ontem e lembrava do dirceu falando da tortura por uma delação *te dão a comida pela bocuda sai para tomar banho dez minutos e volta em dois dias você faz delação* como delatar um sonho e na volta ainda ser a mulher dos seus sonhos só derrotamos tentativas de golpe quando a gente tem armas eu queria poder dizer isso ainda mas também acabei porque nos golpeamos na paixão como se manter no escuro à luz que vem de uma lua qualquer que não vi no reflexo da janela cortando a madrugada sem que as vozes parem de gemer aqui dentro da minha cabeça em que talvez destile o veneno do dia no sem luz da noite nessas buzinas silenciosas de panelas silenciosas que irrompem na falta não a falta de você a falta de um corpo mas do gás aquele que numa outra vez você dizia que seria o fim de tudo e só consigo pensar que eu poderia amar seu rosto o corpo em nada enfim eu poderia amar isso que guarda cada respiro isso que suspende o peso

e encerra a seca eu poderia esperar que não
me dissesse com raiva sua flor tatuada nas costas
as filas engarrafam a cidade à espera de mais um golpe
o senado aprova as normas para eleição indireta
penso que vou acabar perdendo uma aposta porque
acordei com a notícia sem ter ouvido sequer uma
creuset que esmalta a pele e diz que não há mistura
enquanto isso as embalagens de cigarro vão com tarjas
amarelas e verbos no presente indicando que você vai
morrer como se não fôssemos todos como se tudo não
passasse de uma longa piada ou o escárnio do que vem
tombar num céu sem nuvens eu queria escrever um
texto sobre a maturidade e vai levar um tempo
pra falar dos frutos que apodreceram antes da época
os caminhos estão fechados pra você o google
me impõe páginas e páginas de espiritismo e não
não vou dizer que no que pensei quando busquei
por caminhos fechado pra balanço fechado para
obras o brasil é um monte de terra margeada pelo
atlântico cemitério de gente trazida e levada
como se pudéssemos um dia controlar o fluxo
dos rios todos ou de nossos risos tentando esquecer
o brasil é um canteiro de obras *c'est en creusant le mot*
ancien e no entanto cavo o que não é abstrato
como continuar a usar uma palavra quando ela me chega
ao corpo o que me chega urgente seu corpo censurado
a senhora zürn saltando do seu apartamento para

um anagrama deixado com um traço seu *ich bin dein*
eu lia como se em inglês *estou morrendo* quero dizer
sou tua *oder nicht gestorben sind sie* e quando e quando
morrer não se morre num atentado ou apenas deixem
que eles morram em paz enquanto me ocupam o corpo
as vozes *sonus est qui uiuit in illa* e ela sou eu num
olho topázio entre pétalas brancas dum corpo excruciado
de flor as pernas imóveis e o peito tingido cada vez mais
por golpes e golpes os dedos perdendo-se suas mãos
estendidas dizendo para cuidar da sua vida não se importe
com o que faço aqui mesmo sendo público o que publico
heim ins grab nenhuma morte voluntária se fecha em si
digo todas são públicas e saímos de cena antes das cortinas
desse sono ela tomava o trem de montpellier a paris
e escrevia para hb *wie ich macht man die liebe nicht*
e esse amor em maiúscula para dizer que nunca se sabe
fazer amor o golpe será televisionado mesmo que não
tenha tv mesmo que me prenda em conversas privadas
para não saltar na outra borda do tempo espero seu recado
eu poderia amar uma pessoa que passa e deixar ali
minha febre como daquele egoísmo que ultrapassando
a medida de todas as coisas dizia das fronteiras
sob meu corpo e o de um outro ou como apontava
o dr freud *un muß erkranken wenn man infolge*
von versagung nicht lieben kann é imperioso adoecer
quando diante de uma frustração não se pode
amar ou ainda toda vez que se é negado o amor

se ama e se adoece num só e mesmo golpe
não há combustível no país já não há estradas
para rodar e no entanto já rodei tanto tempo
que as aves todas morreram na boca usurpada
de quem não pôde sequer se calar começo as vistas
para o exílio daqui tomar documentos bater
fotos pagar taxas brigar espernear confirmar resultados
a angústia cobre esse corpo com sua *bandeira negra*
e o tempo por vir não cessa de não vir para que você
me ensine tudo o que eu já sei nada cabe aqui ou não
é suficiente 51,64% 54.501.118 votos nada é
o juiz pode terminar sendo pego numa fogueira qualquer
à noite numa vontade de ficar puto enquanto tomba
uma melancolia qualquer não há acordo e se acordo
permaneço estirado sob os lençóis antes da coragem
do mundo a sua voz distante falava de animais soltos
e pensava que há assuntos que não posso tratar com você
você tomou como arrogância eu como liberdade
até que a polícia chegue tão perto que meu corpo não
sustente e minha panturrilha comece a doer
sem o sorriso do menino que vejo no reflexo carcomido
sem cidades sem memória um cheiro verde de manga
verde e eu exterminei todas as formigas da minha casa
como quem dá o doce e espera adoecer assim também
os meus músculos começaram a ceder e não aguento
nem o que me veste não eu não sou um aposto
sem álibi isso enquanto pensava no que a *enciclopédia*

britânica versão francesa coloca entre godard e goethe
nessa necessidade de uma subversão da história salta
de lisboa a quinze metros mais um corpo entre nove
desse ano salta ali onde a universidade nada pôde fazer
ou diz não poder fazer 22 passos 22 anos e o maio
que se coroava com a morte de maiakóvski termina
com nota de pesar à la secretariado-geral do partido
liquidar as contas liquidar a vida tentando se impor
à vapp e ainda cheio das contradições da casta não
há nenhum ritmo que caiba num corpo no salto
a queda de trotski sobre a mesa em coyoacán dez anos
entre eles um só som de queda e quebra os ossos
abafando o silêncio ainda hoje passei os olhos
naquelas mais de duzentas páginas que dizem
as cartas do poeta com cinco frascos de estricnina
dirigidas a pessoa meu volume cheira a maria-fedida
e não consigo segurá-lo muito perto como é
preciso à miopia insistente a cor morreu ou quase
de um outro quarto aquele deixado vazio à
testemunha álvaro de campos vai esperar dez anos
no mesmo dia para dizer do impulso e da fraca
recordação desse querer matar-se *veja meu horóscopo*
ou *aqui não há amor* espera dizia um ao outro
espera o bom termo o gás sobe galopante e nada
tudo manchete de uma semana como se tudo
fosse normal presos políticos páginas viradas
o terror cantado na voz de uma poeta diante

das ruínas num vale qualquer do brasil e já não
posso querer beijar os olhos como vinícius diria
não há nada nessa saudade sem melodia sentimental
sem arremedo o preço do tomate da batata da cebola
a capa de rodchenko ao *pro eto* vem a cotoveladas
como diz o poema aqueles olhos de lília brik
evadindo uma canção ninguém conclui um gesto
enquanto o corpo para longe de uma distância
carcomida dos papéis de entrada num país outro
não vou beijar os olhos da pátria luto de amor
ou tempo e tudo se cala quem chora a bituca
lançada à rua quem navega o vento na minha camisa
molhada de anteontem não há seca que a seque
como os olhos que vi chorar um filho largado
ao lado do restaurante empoleirado do cheiro
chinês o calçamento está esburacado sempre esteve
e a criança metia seus pés ali para esquecer a fome
o homem de vladímir pode sentar e ouvir a própria
voz mesmo aquela que retumba a revolução
o homem aqui o que pode dizer segurando a mandíbula
nos dentes caíndo na magreza insana que apenas *cara*
me ajuda a comer só comer depois de ter contado
uma longa história de ter feito parte da polícia e ter
sua cabeça a prêmio *o dobro* disse ele foi o que os caras
pagaram para dar cabo as águas que espreitam o homem
a terra vermelha que o cobrirá aqui presos a um verso
roem os palácios ali onde ficam num tempo roído

era de amor que se tratava mas o tempo doeu aqui
sobrarão às moscas uma ou outra das carcaças a dar
com beiços os urubus já se instalaram na colina
rodeados de carcarás que ainda resistem ao apodrecido
perseguindo o cotidiano não vinícius não há pátria
perseguindo o coração de alguém guardem o copo
pois o corpo já vem pra ser bebido estou à beira
de um mapa mas não há voos e as anteras todas
estão vazias há tempos um farrapo esconde as unhas
poetas ainda olhando constelações como meninos
em botecos que gozam de suas sinastrias tudo sorri
na queda o peso de um órgão somado aos ossos
o calçamento está quebrado o peso do sol sem morada
num trago minha respiração se corta há tocaias na esquina
e choro guardado no menino o calçamento está ali
despedaçado *não me venha revirar o passado* aguarda ali
o ursa desigual ou antes um curupira estatelado
cercando uns tantos casebres que sonhei enquanto
ouvia o procurador instigar uma resposta sem sentido
tudo é possível a quem tem direito *isto é* eles
quem dança a bílis negra sobre o resto de um corpo
a quem num balbucio ainda demando que ouça a sua voz
cansado de tudo a todos cansado nesse momento
alguém deve estar sendo assassinado uma mulher
possivelmente e a violência disso nunca estará nesses
versos sonhei com minha própria carne comida
por baratas durante muito tempo deixada

num cômodo da casa da minha infância era então
menos velho que agora e meu pé direito tinha
sido cortado e enterrado há exatos dez passos
às vezes desperto e esse sonho não é macabro
há memórias piores há *isto* que não vou contar
que já contei meu desespero se acalma nas mãos
pequenas que conheço e se diz que dos fatos
nasce o poema ele sem brechas a não ser
o verde e ocre da favela vide *pau-brasil* ou aquele nada
apagando-se nos olhos torturados de pagú enquanto tentava
continuar a escrever um câncer e seus inúmeros suicídios
é diário diz-se uma mulher suicidada aquela que sai do estupro
cotidiano mais cotidiano esse que cometemos dia após dia
nada é novo sob o sol ele ele nos deixa a cada dia é fato
tentaram me matar algumas vezes e do fundo verde do mofo
que rodeava a minha infância restaram as muitas marcas
que me impedem ainda de andar sem ser alvejado como uma mulher
esperando por deus esperando por um sim que chega a me ferir
tentaram me matar algumas vezes e não sei lidar com o mundo
sem as palavras nada tão glorioso aqui ou ali quando ouço aquela
sua voz que nada sabe da tortura nada sabe do que queima
num riso desmesurado da mulher que urra a esquina de seus dentes
no sem filho abortado de uma rua qualquer quando os meninos
me chamam a atenção sentados displicentes em suas calças
desbotadas em peles que não podem me fazer suportar algo
maior que um delírio de tudo o mais do que é o menos
do que apenas pode ser menos e eles são belos quase sem

olhar quase me despindo enquanto aqueles
lá na minha infância quiseram me matar então não me peça
para falar de amor não hoje não posso falar de amor que é desabrido
enquanto fazem a camisa vermelha da seleção assinando
marighela sobre o número de um craque qualquer um
número menos um *you died before i had time* era sobre o pai
que não deixou sua filha caminhar em verso ele também
sempre quer matar a manhã ou a luz da tarde que insiste
em esquentar o concreto deixar à mostra aquilo que diz
uma edificação o céu não vai cair hoje promete o azul
ou o verde das bandanas *aborto legal seguro y gratuito ya*
mulheres contra os pais usurpando a vida aquela sem
assembleia aquela de uma roda na tortura calma dum
fracasso ou a impossível reversão duma laqueadura
o fraco asco de quem não quer ver nascer pretos pobres
nenhuma indignação dos contra o aborto desses
abortados na higiene do estado ou da gargalhada
do agente americano *well we have an orchestra here right*
cada criança el salvador guatemala separadas por
aquilo que chamam controle de fronteira departamento
de segurança migração eles temem dizer imigrantes
eles temem como nós temos o que temer o olho
esfacelado num frasco de verso ou o anverso cru
do tempo noventa minutos multiplicados por esses
dias russos por aquela bola que essas crianças não jogarão
velho barreiro coando o café da manhã para suportar
um ou dois canários despedindo-se do que vejo dessa

raiva não há palavra tão óbvia para meu silêncio
para o seu silêncio emudecendo o trajeto até a casa
onde me abandono do seu abandono daquele dos pais
e da espera pela queda por mais uma delas
dessas mais de cem balas que dispara o caveirão voador
sobre a maré ali onde amar não pode ser onde dois
pássaros não podem sobrevoar onde é preciso ouvir
mãe eles não me viram com roupa da escola uma pergunta
manchada de sangue banhada de um sonho sobre si
mesmo sonhar com a palestina com a maré não com israel
com o leblon *da terra da promessa e logo do perdão*
diria em três línguas as mesmas que não serão nunca
compreensíveis a mãe chora um choro sem café
todos choram um choro sobre o gramado russo
nada ali pode dizer o poeta sem história a não ser a do inimigo
me vejo a vida interrompendo a sons de pedradas
a cabeça dum estudante no matagal em frente de casa
o corpo estava ali vinte minutos antes vinte minutos depois
e andava seu fantasma no parquinho das crianças
na areia esbranquiçada que em nada lembra brasília
que em nada pode dizer o ferro dessa promessa esmagando
os ossos do crânio que não contarão a sua história
a lâmina que corta a pele de nove garotas dão a dimensão
de uma cerimônia de adeus em que poesia e poder
dizem essas ausências a poesia pode um impoder
a poesia põe no corpo essas extinções o suspenso
o que pesa demais ou é possível levantar a noite

suspender à noite um braço o riste do rosto essa ruga
abaixo do olho direito marcos vinícius não envelhecerá
a maré baixa enquanto a morte ceifa com a mão
dos que têm à mão as armas os blindados uma caveira
colada aos abraços e ela sempre ganha no jogo ela sempre
ganha *concordia discors* não dizia lucano à fragilidade
diria talvez que meu amor cedeu sem abrigo ou onde
os tetos ruíam na *urbs capta* ou ainda que esperei
muitos anos a me render aos versos latinos primeiro
óvido para depois ter em mãos o que me foi catulo
diria talvez que entre o ímpio os ventos daquele
livrinho cairiam ali onde o amor sempre cede
ao frágil meus dedos pararam e inventaram versos
confusos para dizer algo simples para dizer o que não
diria que o corpo é povoado de não-ditos e repleto
de buracos quero dizer nunca está repleto como
a seta que convoca uma coragem qualquer um
fogo que consumiria tudo agora fogo ou melhor
as cinzas que nunca saberei de onde vieram
essas muitas cores que não abraçam o que não podia
dizer está aqui entre meus músculos nisso em que
poluo meu corpo ou digo sem certeza haveria uma noite
em que não me intoxique uma noite em que não arda
a cabeça tentando sustentar as amarras essas marcas
deixadas sobre a pele seca sobre os dedos gangrenados
do meu avô arrancando meus olhos e me dando de comer
sem medo no meio do outono e acontece de alguém

ter uma morada sob um manto de estrelas que mira
a vênus colada à lua brilhando num azul desbotado
entre o pó que me povoia à guerra dos corpos
enquanto não há nenhum aqui então meu amor
cede como a sede dos espelhos que guarda aquela flor
antiga meu retrato intranquilo ou o algoz que já
não fala entorpece num giro meu olhos se amontoam
e ouço músicas de quando era criança para me calar
ou quando de um encontro qualquer surge uma mão
sobre a perna surge também um juiz de plantão
para escancarar o golpe e aquele outro do outro
lado do oceano a dizer quem manda mais quem pode
mais nesse poema tão impotente como era impotente
um desejo meu é *não mudarem nada senão a primazia*
sim havia um excesso e você me desejou ali durante
algumas horas *do sentido* porque soletrava meu nome
olhando-me no olho tornando-o legível e talvez
eu fantasie que você possa ter compreendido que não
possa haver um poder que seja essa soberania oca
numa espécie de crítica que o poema impotente faz
a todo e qualquer desejo de poder enquanto você
prometia comer bem ou olhar para os meninos mudos
enquanto gritavam num jogo de cervejas teve talvez
uma centena de estações que precederiam esse olhar
o corpo com seus sistemas neurais sente o tempo
passar a tarde a casa o cheiro de urina do gato
que permanece congelando tudo o presidente ainda

está na jaula de outra república aquela que não pretende
se render está à espera de mais um cavalo prometendo
no meio da noite abandonar sua montaria fingindo
jogar com a morte ou era o silêncio depois da euforia
quando eu morava longe de mim o sono da casa
se fazia no cheiro de omo e na poeira acumulada
tudo está fixado como aqueles anjos despidos do outro
poema eu precisava chegar e talvez fazer troça hoje
de um menino sem clareza meus cabelos de menina
um choque sobre meus exercícios diários a ponta do dedo
gelada gostava de dormir com os restos de comida
e agora sobre esse espesso branco que quase chega a tocar
é um gesto para quem já não respira para quem excede
seu corpo de trombos o país em queda e eu tocando
meu corpo como se tudo fosse inofensivo nos dias curtos
já não ouço os arrulhos dos pombos mas vejo o rasante
dos morcegos que colhem as frutas das árvores diante
da portaria abandonada e nenhum animal pequeno
dorme sobre a grama todos caminham e podem ler
preso político pichado nas paradas de ônibus mesmo
que não haja pronúncia alguma desse nome mesmo
que eu o possa esconder sobre um evangelho qualquer
sem doçura tudo parece sorrir para o dia tranquilo demais
pressão arterial 17 por 9 oxigenação 81 um livro de poemas
pode nascer sem ritmo enquanto seus cabelos não sustentam
um coque enquanto está sobre a cama a cabeça reclinada
olho para trás e um outro paciente ligado às máquinas

contei 22 medicamentos três máquinas apitos e um tanto
de choro não posso olhar para trás agora o instante
termina a copa e os imigrantes venceram mesmo que sob
o emblema de uma colônia talvez seja por isso que se possa
deixar de lado tantos corpos fuzilados o menino que dorme
na porta do supermercado presta atenção no mínimo
ele não pode pensar que se encontrará com alguém numa
noite qualquer de cansaço e dali fantasiar uma outra pessoa
uma barba sem trégua de cada esforço que invade
isso que é impossível as ruas estão trancadas para suas falhas
e entramos em leão sob uma lua de sangue que talvez
deslumbre o mundo quais eram os detalhes que marcavam
a sua roupa talvez você se vestisse como um criminoso
qualquer mas o cabelo não guardava marcas psicopatas
talvez o sorriso escondesse algo como um medo jovem
receio de que não possa sair do hospital como ninguém
sai imune da cadeia ou queria escrever um noturno
em que você fosse o personagem nada de comum
apesar da sombra enquanto vasculho sua vida pública
pensei em escrever uma carta longa tornar possível
um poema e desisti como quem se depara com um poço
d'água muito fundo e gélido as crianças não desistem
diante do som das coisas ou perto da perda de alguém
um resíduo de pó sobre minha retina passo desatento
entre as pedras e o calcário esperando que o sol não
toste minha pele para provar outra pele idêntica
não pude ser generoso na sua ausência casta respiro

uma espécie de ruído para a entrada de agosto
sem lar ou com as plantas se amarelecendo diante
do zunido que não sai do meu ouvido enquanto acendo
mais um cigarro o sonho de um terceiro mandato
consecutivo na errata do jornal que persista a coragem
das poetas num hálito que atravessa sem se afundar
meu corpo já dói demais desses quilômetros e das portas
que se fecham e era uma infância que olhava escondida
a fresta de maxilares quadrados e ásperos ou um medo
de morrer por gostar de tamancos ou o que significam
os estilhaços o barro aglomerado a pólvora tão perto
ainda dos dedos que apontam um soluço diante da
agressão por não ter visto meu mundo num abraço
onde *dead men's dreams* erguem-se *seek an outlet*
a dark flame não era isso sobre uma cidade de pedra
aquela duma queda d'água aquela em que a lua não
para em ganhar o dia o sono envolve outro lugar
pensei no teatro de dioniso há mais de dez anos
enquanto eles não entoavam ainda o cheiro agonizado
daqueles sangues coagulados não queria cantar um país
antes colher a cana que ondeia o mar no outro canto
à distância *policy lying dead under seas* era um navio
a falange do ifá sem promessas *queria te responder como*
é preciso sem sangue quente sem a minha morosidade
ou de como é precoce que *já não és pensado* e tudo
segue guardado num guardanapo cheio de formigas
da língua doce que se excede de tabaco fazendo-me

contrário ao suspiro de um outro amante noutra noite
como sou apenas um homem como toda a gente sem trânsito
estrelar a última porta que fecharam marcou minhas mãos
e já não tenho as unhas demasiadamente limpas que reste
a penumbra de um outro dia lá do outro lado do índico
meus olhos continuarão a arder como o corte que recebi
daquela cegueira que principia todos os filmes todos os fios
que seguirão cortando as amarras numa boca costurada
quero dizer que esses versos vão de entremeio às bocas
beijadas e o calor das palavras impedidas sem celebração
possível aos 39 anos sem que os 23 possam ver crescer
os filhos por quererem vê-los crescer não me espere essa noite
devo cair num bar qualquer cair na boca de um qualquer
calado que percorra as lutas que ainda não sorriem
de desobediência caçando os rabos que *please master can i kiss your ankles and soul* você entendia *angels* enquanto eu
dizia *ankles* e era essa a nossa distância afastando o corpo
despindo uma solidão dessas minhas peles ressecadas
torradas de sol não me toque ou não me peça para calar
já que a todos pediu para silenciar o sol as mãos da criança
colhe um ramo de flores e ela as sobra apontando a terra
os levantes de três dias de republicanos um rei burguês
sobe ao trono assim são os dias em que as barricadas não
vencem ainda os banqueiros assim como no amor tudo
à venda para erigir a limpeza dos afetos muito rente à morte
as cidades estão dizimadas pelo tempo ressentido na língua
ou os carros passam como homens que insistem em passar

as mãos no saco ou na bunda das mulheres *para quando a emancipação masculina* eu ouvia numa voz baixa enquanto conduzia o carro até você se afastando como quem percorre um exílio como quem aguarda os olhares cúmplices de um outro corpo somos matáveis junto à calçada que não leva a parte alguma num caminho ingênuo da luz pobre e sua flor comprimia meu peito era como se procurasse um nome para dizer o que corre nessa ausência de fatos *me abriga nos seus ruídos* você dizia ontem no meu sonho arruinado pelo despertador ou *são os rios nascendo aqui* apontando a cachoeira o pedaço de terra batida entre as pedras é preciso ser lírico para não soar cafona meus pés estão estalando enquanto seu rosto estanque pede um abismo qualquer entre as palavras *que es nadie la muerte si va en tu montura* a foto de franco obrigatória montado em seu cavalo *cuatralbo* que o poeta quebrou como aquele ninguém que degolou das estátuas do ditador a morte é ninguém quando montamos sobre a terra que os enterremos a todos sob os arcos da lapa durante um concerto em que os rostos de lula se multiplicam ou de como é difícil sustentar uma conversa sobre política numa mesa onde passam as cervejas e isso queria dizer por que nunca falo de poesia quando deveria falar da coisa daquela coisa que os filósofos dizem ser a causa de tudo o começo paquidérmico de qualquer instância o que provoca o que segue talvez como provocação ao delírio ao espanto a algo que não tenha uma *lágrima ou nome gesto golpe de vento* o dia não fez frio é o primeiro no meio do inverno

e quem saía agasalhado teve de se despir para não sentir sua pele colar no suor ou num incômodo outro que segue o corpo que tenta apenas sobreviver mais um dia sem desejo algum apenas o de dormir apagar fuçar aquilo que teria nascido nu entre o que treme e o que pode ser um corpo torturado pelo cinismo da repórter *vulgo* analista de economia ter que repetir ter que pedir silêncio para dizer que o grupo globo apoiou o golpe militar que o grupo globo reconheceu o erro em editorial mais de cinquenta anos depois de ter ajudado a implementar o assassinato legal do estado isso enquanto um extremista falava porque ele falava sentindo-se em casa já que lá ele estava e o dia nascia com um atentado não noticiado ao nicolás maduro drones sobrevoando e as redes sociais assumindo descarados a autoria por flanelas que não suportam ver talvez uma espécie de revolução bolivariana que não se contenta em tomar o soverte da manhã numa loja de conveniência qualquer as nuvens estão baixas no mormaço do dia enquanto isso a presidenta do stf pesando 39kg diz ter comprado biotônico fontoura rindo-se do que é talvez necessário posando de estrela na noite sombria não lembrando que houve uma chuva de asteroides e que as estrelas também caem no desastre *retombée d'un mal à dresser le vol* ou o espírito dos neutros diante do abismo que não comprehende que o acordão de alckmin faz com que ele tenha 44% de tempo de televisão e que isso importa mais do que vencer as eleições que isso nos fará ter dores de cabeça já que o presidente não pode ser entrevistado que ele está lá silenciado falando por cartas aos eleitores

na convenção que nada decide fazendo nos afastar de promessas ou tudo tão distante do que é o amor maduro nuns versos imaturos que dizem que *t'ensinarei o segredo onomatopaico do mundo* sombra e sangue para os criminosos por terem desafiado uma ordem um estar das coisas naturais a utopia ou o cante já não importam se ainda se pode sofrer com o cotidiano ao som das bombas seguiria os seus tropeços pelo tempo uma palavra impronunciável *selbstherabsetzung* lá naquele tratado que propõe economizar um afeto como o luto senão luto se não pudéssemos ainda abrir as veias ou a boca o que sirva para dizer que talvez tenha feito há mais de um mês um último aniversário no que declina do meu nome a face esgarçada na cinza do tabaco que perfurava o tapete floral da infância *je ne sais si j'aurai le cœur de rester gai* numa batalha sem fim talvez ou com algum percalço *ninguém gosta de poesia* numa tirinha deixada no celular com a cara de um pato pareceu-me como que eliot dizendo aos outros *here's no great matter* já que não há um vidente para dizer o que é o outro em mim o que seria como ter em mente algo como o substituto do triplex já sem dono nas vozes de três candidatos ensaiando uma subida à rampa quero dizer o que ainda pode ser inegociável nisso que o vento carregou do que a angústia levava *j'étais l'autre jour décidé de mourir* cerzindo um retalho do que na sua mão poderia parecer indolente numa herança traçada de fora são os traços de uma bomba ou melhor das trincheiras que nunca se apagaram na face dos meninos que perguntam *de onde você é* ou num susto

uma piada que desloque o meu centro quando me perguntam se há não havendo diferença entre o público e o privado ter no coração o ímpeto de permanecer alegre isso implica ler naquela língua também sem ter ficado tão cansado ou em pensar que quem sabia era meu pai deixando as coisas se acomodarem com o tempo ninguém resiste ao tempo a ladainha da arte antiga em superar a morte da memória que não seca sendo-a já término de um gesto o corpo apodrece e isso deve ser mais importante que uma escultura um retrato ou o verso portanto me dá a sua mão seus músculos para erguer o mundo num passo deixado à cama dos encontros pontuais do tecido à força entre meu sorriso e isso que agora é amizade pois já não amo esse corpo antes um outro um corpo que ainda não existe por teso em mim um preciso cílio deixado antes de se ter verde nas ventanas amarradas do apartamento muito longe que fica ele também apodrecido numa outra história num monte qualquer o vejo vindo a me dar um bom dia insuspeitado da minha calma no seu nome ἐν αὐτῷ ζωὴ ἡν̄ só que não era deus antes o lábio controverso de um nome guardado tudo segue preso na masmorra de cada morro para onde parti não não pisarei em curitiba tenho uma força infame para me assumir diante de você *nele estava a vida* como as ruas que fedem a comida estragada container manchado disso que fermenta sob os sacos plásticos é isso que sinto de seu corpo nenhum isolamento não fugir da luta ou do querer que nada quer disso que chamam poder não me revejo dentro do fotograma digital que se move por alguns segundos então os meus líquidos tentam sobreviver ao tempo de mormação

o silêncio inventado pelos pássaros pelos morcegos pelas taturanas para contar o dia *life is filled with holes* como se um só golpe não fosse suficiente coroatá anoitece com o desmando do bando aqueles que apunhalam nossas cabeças contra um porta-malas 16,38% de aumento pra eles e a inelegibilidade colocada à mesa movimento serial *his sperm coffin* talvez precisássemos de mais punks na rua a corte de coroa na mão enquanto senado em buenos aires esquece de ouvir as milhóes de mulheres tingidas de verde não imaginamos o *turning point* da américa que não fala inglês tentando seguir um espelho tetânico os músculos irregulares da mandíbula que impedem dizer que cortam a respiração num controle que só pensa em pintar de amarelo as carteiras de cigarro e verbos assertivos numa fotografia retocada aquela que confirma que o que importa é o selo do ipi afixado sobre o papel que autoriza consumirmos adesivos aglutinantes ameliorantes tintas além do tabaco então você fecha as portas troca as roupas neutro para não atrair olhares algum álcool para aliviar a tensão mínima antes dos versos ditos pela bethânia que ouço desde a adolescência a ditadura começa com um *ame-o* para deixar estancados quaisquer sonhos ou o começo de tudo ao som de uma porrada seu corpo segue cedendo como quem tenta encontrar um lugar onde por as mãos *ele tem medo de dizer que me ama* eu diria volta àquele maio pouco antes dos cinco atos *et tais toi* ainda que pudesse morar num monte na rua que tem por nome o monte a subir espero um próximo passo enquanto ensaiam um registro no nome do homem preso por amarras do político

a vida segue correndo entre as máquinas contra o drama do édipo
em suas esfinges paranoicas e eu dizia que não acreditava
em recomeços você ali sentando diante de mim esperando que
eu dissesse algo que não estou pronto ou como uma sujeira
que corre no poema *o susto do pássaro está no pássaro* essa voz
de cada exilado de quem não pode ser mais que o próprio exílio
em si como aquele homem que fugiu com a gonorreia estampada
de colônia barata mas que podia nas fotos tocar violão e fazer caras
e bocas para divertir o filho órfão prévio *quando a flor do teu sexo*
abrir as pétalas não canso de pensar nesses rasgos porque nasci
o corpo de homem cedendo à inflação dum desejo concentrado
sem possibilidade de carimbar as cédulas para cortar mais zeros
ou de riscar com um x os muitos nomes para presidente
enquanto a revista notícia que a vítima da aids agoniza em público
nunca me recuperei daquela imagem enquanto o ouvia gritar seu
rouco sussurro *ele some* num lugar que é inteiro em mim mais abaixo
um *tronco que nasceu torto* anos atrás no meu silêncio é impossível
amar homens precisava de uma noite batida pra cair em mim
porque o desejo como um voo que se vai fazer mais cedo
enquanto o toque elimina outro toque e suas mãos já não podem
senão pintar as caras e partir ante aquilo que renuncia durante
a plenária e os muitos que dali gozam preparam um plano
que recolha cézar e qualquer unidade de valor para estancar a moeda
num quarto de hospital o filósofo salta já sem não poder se sentir
um trapo como é hoje todo trapo a impedir certa *saúde* que diz
a escrita e está aí o tribunal que antecipa as culpas como uma outra
máquina a tingir a fronte do condenado *die inschrift im körper*

vollzieht nesses corpos magros de fome e barriga d'água é o que se passa às vezes entre o amor e a cidade não se pode afastar dum grito dado ao calendário que espera a queda dos tempos na desordem do dia em que o operário sorriu com uma faixa e o lá supôs que não haveria mais pelo que lutar entre as brechas que correm no sol avulso da cidade nenhuma grama sem seca sei ainda que não vivi todo o tempo que deveria dizer ao que segue o perdão do gesto brando entre suas mãos ou na minha angústia calada que corta o ar e suspende um registro invalidado pelas horas atravessando o dia na fome sem dedos ou no assassinato como prova de que se vive a si mesmo apesar do outro esse seu corte acima da boca me constrange enquanto ela subia a rampa prevendo o golpe que tomamos a cada dia dado ao acaso e os aquartelados erguiam uma espada através do dorso caído meu corpo caindo como a vontade de beijar aquela boca como quem dá o salto último percorro cada rua na minha cabeça e os passos não me são suficientes para cruzar o atlântico perco tudo por aqui aquela história que não havia dentro de 367 golpes meu pai agonizante meu filho por nascer há 100 anos se erguia uma revolução dada à derrocada ele respira o último verso enquanto sonhamos o que insiste em não se escrever

recife. brasília. são paulo. rio de janeiro. manaus. paris.

30 de janeiro a 16 de agosto de 2018



primeira edição
500 exemplares

por C₁₄ | casa de edição
em abril de 2019

